

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES AFRODESCENDENTES NA CIBERCULTURA: o olhar da ciência da informação

artigo de revisão

Celly Brito Lima*

Mirian de Albuquerque Aquino**

RESUMO

O texto constrói o argumento da importância de estudos na área de Ciência da Informação voltados às questões culturais. Especificamente, defende a investigação da construção de identidades afrodescendentes na cibercultura, em meio às condições de acesso e democratização da informação, dadas na realidade brasileira; justifica que o entendimento dos processos e relações socioculturais, em que se baseia a construção das identidades de produtores/usuários de informação, serve ao diálogo das transformações sociais e do percurso cultural; e apóia a legitimidade dos pesquisadores da Ciência da Informação na apropriação do tratamento de questões relacionadas ao acesso e democratização da informação, como às desigualdades sociais/raciais.

Palavras-chave: Identidades afrodescendentes. Acesso e democratização da informação. Cibercultura. Ciência da Informação.

* Bibliotecária. Mestre em Ciência da Informação pela UFPB.
Email: cellybrito@hotmail.com

** UFPB. Doutora em Educação. Professora Associada II do Departamento de Ciência da Informação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Bolsista de Produtividade do CNPq.
Email: miriabu@uol.com.br

I INTRODUÇÃO

O uso da expressão “sociedade da informação” para identificar a sociedade contemporânea, centrada numa economia global/informacional e saturada pela eclosão de novas identidades culturais, indica que a qualificação da informação enquanto bem, produto, mercadoria, capital ou qualquer outra palavra e/ou atributo que lhe dê sentido, sobrepõe-se às outras características que possam reconhecer o desenho da sociedade atual.

Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Um grande volume de recursos humanos, materiais e tecnológicos tem sido direcionados para os setores de informação, mas os grupos marginalizados (negros/as, índios/as e ciganos/as, dentre outros), em sua maioria, começam a se sentir vítimas e não gestores da mudança cultural.

A partir da valorização da informação é que se dá a exponencial utilização e produção sistemática de tecnologias para processamento, acesso e uso da informação. Além disso, dependendo do contexto e das teorias que utilizamos, a informação adquire novos significados para ajudar a pensar os grupos que estão submetidos a situações de exclusão (AQUINO et al, 2006) e implicados nas desigualdades sociais e pobreza.

Percebemos que à medida que as TICs são desenvolvidas, alteram e criam novas demandas, interferindo nos processos cognitivos e esboçando novas formas de pensar, sentir, conhecer, comunicar, expressar e representar o mundo das coisas e das idéias. Nesse sentido, “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática” (LÉVY, 1993, p. 7), onde as relações entre os homens, o trabalho e a inteligência dependem da transformação constante de dispositivos informacionais diversos.

O enunciado de Lévy, reinterpretado por Aquino (2007, p. 212), expressa que as TCIs são geradas numa nova sociedade e cultura e “as verdadeiras relações não são criadas entre a tecnologia e a cultura, mas por um grande número de atores humanos que inventa, produz, utiliza e interpreta, de diferentes formas, as técnicas”. Essa autora frisa que embora, de um lado, tenhamos projetos ideológicos em competição, temos também interesses na autonomia e ampliação das faculdades cognitivas.

2 O CONTEXTO DA CIBERCULURA

A internet ou rede mundial de computadores que conhecemos basicamente como sinônimo de *www* (world wide web) ou simplesmente *Web*, resulta do uso não previsto de uma tecnologia que, na época do seu surgimento, estava orientada para a troca de informações institucionais e, hoje, tem sido apropriada em sua capacidade de interconexão para reinventar a sociedade e, nesse processo, expandir a mente humana através dos computadores em seus usos (CASTELLS, 2003; LÉVY, 1999). Nesse sentido, Tanenbaum (1997, p. 776) explica que, por ter interface gráfica colorida de fácil utilização, a *Web*, que começou em 1989, “em cinco anos, ela deixou de ser um meio para distribuir dados extremamente técnicos para se tornar a aplicação que milhões de pessoas consideram ser ‘A Internet’”.

O nível de incorporação da internet nos processos de comunicação e informação, atualmente, leva-nos a uma reflexão das implicações socioculturais dessa tecnologia e as mudanças transculturais que vieram a ser potencializadas. Além do imperativo da evolução cultural dos usuários da rede – a cibercultura – que, segundo Lemos e Cunha (2003, p. 11), é a “forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70”.

Ao mesmo tempo em que a cibercultura constitui-se como espaço universal e aberto, que acolhe e valoriza as singularidades oferecendo a muitas pessoas o acesso a diferentes formas de expressões culturais e demonstrando as suas potencialidades positivas, também se torna um fator de aceleração das desigualdades e exclusões

das populações (negros/as, índios/as, ciganos/as, entre outros).

É verdade que, as tecnologias necessariamente sempre interferiram nas culturas, pois aquelas são nada mais que o produto de inúmeras tentativas de adaptação do homem ao seu contexto. Em cada espaço-tempo, as tecnologias sempre fizeram parte dos modos de vida e dos pensamentos do ser humano.

A cibercultura emerge de uma forma de socialização, emanada da interação humana e mediada pelas TCIs, e expressa a pretensão de construir um laço social dissociado dos *links* territoriais, das instituições e as relações de poder, mas a reunião em torno de centros de interesses comuns compartilhamento do saber, da aprendizagem cooperativa e dos processos abertos de colaboração (LÉVY, 1999). Esse ponto de vista parece indicar que todas as pessoas que estão conectadas à rede mundial de computadores podem compartilhar uma cultura de dimensão universal.

Na apropriação dessa rede de comunicação por indivíduos e grupos, assegura Castells (1999), estão implícitos todos os tipos de interesses que circulam em todo o mundo. Mas esse mesmo autor também concorda que o acesso *on-line* facilita a difusão e a recuperação da informação possibilitando interação, estabelecendo-se como ferramenta para o debate, representação e decisão – uma alternativa possível para o momento atual de “crise democrática”. Portanto, é preciso discutir o valor do acesso e democratização da informação “[...] em um mundo em que há pouco espaço para os não-iniciados em computadores, para os grupos que consomem menos e para os territórios não atualizados com a comunicação”. (CASTELLS, 1999, p. 41).

Entretanto, conhecendo a realidade brasileira e reconhecendo o potencial das tecnologias para a integração na vida social, Sorj (2003, p. 15) mostra sua descrença quanto a possibilidade de usá-las para promover a inclusão: “a exclusão digital veio somar mais uma nova dimensão às diversas desigualdades preexistentes: a de acesso desigual ao conjunto de novos bens e serviços associados às novas tecnologias da informação e comunicação”. O que se questiona é o fato de uma grande parte dos indivíduos ser excluída das redes, sendo afetada por “uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e cultura” (CASTELLS, 2003, p. 8).

3 A REDE DE DESIGUALDADES SOCIAIS/RACIAIS

O relatório do estudo elaborado pela Rede de Informação Tecnológica Latino-americana (RITLA), denominado “O Mapa das Desigualdades Digitais do Brasil” mostra “que as brechas internas – por renda, raça/cor, região geográfica do país – são muito mais largas e profundas do que as brechas que separam o Brasil dos países avançados”. (WASELFSZ, 2007, p. 5).

Na opinião deste autor, sempre existiram diferenças sociais, porém ao serem associadas a mecanismos e privilégios no acesso aos recursos, serviços, benefícios ou honrarias, oferecidas pela sociedade aos seus membros é que se configuraram em desigualdades sociais/raciais. Essa afirmação revitaliza-se nas palavras de Aquino et al (2006), ao explicitar que um estudo comparativo sobre

[...] a situação de não-negros/as e negros/as e os discursos a favor de políticas de promoção da igualdade racial [...] com vistas à inclusão social/racial [mostra que] tais políticas ainda não deram conta da latente desigualdade social que reproduz a desigualdade educacional” ou informacional. (AQUINO, 2006, p.8)

Em seu artigo “A problemática do indivíduo, suas lutas e conflitos no turbilhão da informação”, Aquino (2007, p. 220) pontua que temos um elevado percentual de afrodescendentes infoexcluídos no Brasil e que a distribuição da informação que gera conhecimento é assimétrica, “reforçando cada vez mais as desigualdades sociais/raciais”. Essas desigualdades, aqui concebidas como assimetria nas condições de bem-estar dos indivíduos, estão intimamente relacionadas à exclusão, potencialmente, da população de negros/as, índios/as e ciganos/as, dentre outros. Por afrodescendentes entendemos as pessoas qualificadas como pretas e pardas nos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Historicamente, os/as afrodescendentes têm sido impedidos/as de ter visibilidade nos diversos setores dos espaços públicos e dos privados, tendo de enfrentar as barreiras institucionais geradoras das desigualdades educacionais e, conseqüentemente, das informacionais. Nesse sentido, os problemas relacionados ao preconceito, à discriminação

e ao racismo que ameaçam essa população, precisariam ser discutidos no contexto de configurações e fenômenos histórico-sociais como o da cibercultura, ampliando o entendimento dos processos e relações socioculturais em que se baseia a construção das identidades de produtores/usuários de informação, servindo ao diálogo das transformações sociais e do percurso cultural.

A realidade contemporânea reflete as condições de acesso e democratização da informação destinada aos afrodescendentes. Eles/as estão submetidos/as a uma “economia da informação” (CASTELLS, 1999) que cresce cada vez mais com enormes desigualdades, contradizendo o discurso de políticas que enfatizam a educação (por meio de acesso à informação) como condição importante para inserção da população na sociedade da informação. Formando, também no caso dos afrodescendentes, um contingente de “diferentes, desconectados e desiguais” (CANCLÍNI, 2005), cuja “identidade foi constituída a partir de um povo seqüestrado e escravizado” (CASTELLS, 1999, p. 74) pelo “regime de verdade” (FOUCAULT, 1979) de um grupo dominante.

4 IDENTIDADES NA ERA DA INFORMAÇÃO

A questão é que, para Castells (1999, p. 24), “a busca pela identidade é tão poderosa quanto a transformação econômica e tecnológica no registro da nova história”. Portanto, parece-nos que problematizar a construção de identidades é importante na medida em que é uma forma por meio da qual é possível conhecer os interesses, as necessidades e os desejos de atores sociais em condição histórica de exclusão social como os afrodescendentes.

É possível reconstruir o processo histórico-cultural-identitário desses atores, através de suas experiências particulares e societárias, investigando o modo como se dá a construção de identidades afrodescendentes na cibercultura e as condições de acesso e democratização da informação que lhes são dadas no contexto brasileiro, sob a ótica das teorias da informação e das contribuições de teorias sociais, partindo de uma realidade local brasileira.

De acordo com Cuche (2002, p. 182), “a construção da identidade se faz nos contextos sociais que determinam a posição dos atores

sociais e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas". E também, segundo Lévy (1999, p. 224), "o ciberespaço abriga negociações sobre significados, processos de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos por meio da atividade de comunicação [...]".

Essa opção pelo tema estaria relacionada aos interesses da Ciência da Informação (CI), uma vez que essa área de conhecimento interdisciplinar se debruça sobre a informação em todos os suportes e para os diversos tipos de atores sociais, estudando e desenvolvendo estratégias para atender as demandas dos indivíduos, considerando-os atores nos processos de informação. Dessa forma, é vital para o campo que haja interesse em conhecê-los e respeitá-los, levando em conta a produção científica da área, as questões relacionadas às desigualdades sociais/raciais, partindo de teorias da informação do ponto de vista social e ético (CAPURRO, 2003, 2005). Contribuindo, assim, para ajudar a destigmatizar, desconstruir estereótipos, problematizar os conceitos, compreender a construção de identidades e combater as desigualdades sociais/raciais.

Suspeitamos que, através do vínculo entre acesso e democratização da informação, o fenômeno "identidades afrodescendentes" pode ganhar espaço na produção científica da CI. Esses estudos podem contribuir para uma reflexão sobre o contexto das relações sociais que atuam no processamento/consumo de informação, elemento de produtividade e poder na sociedade contemporânea.

5 O OLHAR DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Pesquisadores que problematizam a inadequação das políticas públicas destinadas à população afrodescendente reconhecem que a "ausência de informação" e a "prática da desinformação" fazem com que os atores sociais se tornem inconscientes das suas formas de ação recusando-se a entender que as práticas sociais inadequadas impediram as ciências e seus cientistas de observarem a riqueza da cultura de diferentes etnias e a contribuição delas para o conhecimento da humanidade (CUNHA JÚNIOR, 2008).

Nessa mesma linha de pensamento, a pesquisadora Regina Maria Marteleto alega

que "a falta de informações corretas dificulta às pessoas o acesso à realidade [...] e que a retenção das informações pelas fontes geradoras - cientistas, instituições, mídia, etc., impede a partilha democrática do saber" (MARTELETO, 2001, p.3).

Em seu texto "*Taking information policy beyond information science applying the actor network theory*", Frohmann (1995), diz que a ênfase da Ciência da Informação sobre problemas instrumentais e questões epistemológicas restritas à institucionalização e ao policiamento de fronteiras entre disciplinas, acaba desviando a sua atenção do modo como o poder é exercido através de relações sociais mediadas por informação nas formas específicas de dominação sobre raça, classe, sexo e gênero.

Esses argumentos são retomados por Unger e Freire (2006, p. 12) para ressaltarem que "a dominação sobre a informação por determinados grupos - e como se dá esta dominação sobre raça e classes sociais - deve ser estudada para sabermos como melhorar estas relações". Ao avançar nesse posicionamento sobre o caráter social, material e público da informação, Frohmann (2006) sugere que é importante trazer essa temática para os estudos da informação conjuntamente com estudos de práticas sociais e públicas, realidades políticas, economia e cultura.

Em artigo intitulado "Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da Informação", González de Gomez (2002) explica que na década de 70 os estudos informacionais se voltam para uma perspectiva cognitivista passando posteriormente a dar maior atenção às comunidades e práticas sociais. No final da década de 90, no entanto, os estudos de informação e comunicação são efetuados no sentido de esclarecer "novas configurações sociais" diante das implicações das TICs.

A autora explica que, no percurso de viradas paradigmáticas, a CI orientou-se na direção do usuário da informação, considerando-o como sujeito cognoscente, dotado de metas e objetivos, imerso num universo de representações e passou a situar a informação "como dimensão das práticas e interações do homem, situado no mundo junto a outros homens" (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 5).

Tendo a CI iniciado em meio às demandas de tratamento e busca computacionais da

informação, segundo González de Gómez (2002, p. 10), não teria tematizado na proporção necessária “o alcance e natureza das mudanças tecnológicas e suas relação com as novas configurações socioculturais”. Porém, em seu percurso paradigmático, avança nessa tematização através de teorias que permeiam os fenômenos históricos, culturais e interacionais do universo social dos agentes humanos. No entanto, o desafio atual é o de conhecimentos sobre as “grandes configurações socioculturais”, do ponto de vista da informação e comunicação, em que conceitos como “relações” e “redes” são necessárias para entendimento do social:

[...] se considerarmos redes sociais, teríamos que atores e organizações que pela moradia formam uma mesma malha de interesses partilhados, podem compor outras subjetividades como profissionais, ou como membros de partidos políticos, subculturas ou “comunidades temáticas” (os que participam de escolas de samba, os que são voluntários e “amigos da escola” ou sofrem das mesmas doenças, ou formam cooperativas de consumidores). (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 13).

Essa observação sobre redes sociais de interesses partilhados remete-nos à problemática das identidades culturais na pós-modernidade de que trata Hall (2006), em que os indivíduos encontram-se fragmentados em relação a sua identidade. Esse autor admite que se estabelece uma crise de identidade na pós-modernidade e distingue três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, dotado de capacidades fixas e isolado no seu “eu”; do sujeito sociológico, fruto da interação entre indivíduo e sociedade; e do sujeito pós-moderno, fragmentado, de identidade inacabada e aberta.

Há ainda o fenômeno das interferências causadas na cultura pelo acesso dos sujeitos aos “fluxos de informações”. Frow e Morris (2006) concordam que vêm ocorrendo as chamadas “Guerras de representações”, “[...] em parte porque as novas tecnologias de comunicação estão possibilitando que mais pessoas recebam e comparem representações locais, regionais, nacionais e ‘globais’ divergentes de sua própria vida e da vida dos outros [...]”. É no contexto das TCIs que podemos admitir que “[...] os moldes nacionais de referência estão, na verdade,

surgindo à medida que os fluxos locais, regionais e globais de informação redesenham as fronteiras culturais e políticas [...]” (FROW; MORRIS, 2006, p. 323 - 324).

Para Gilroy (2007, p.139), a identidade individual é ainda menos restringida com o avanço das tecnologias de comunicação mediadas por computador e “não mais encontrando uniformidade e unanimidade em símbolos usados no próprio corpo ou em torno dele [...] pode [a identidade individual] ser constituída de um modo remoto transnacional pela Internet [...]”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas possibilidades, importa investigar a construção de identidades afrodescendentes na cibercultura à luz das teorias da CI, articulando-as à contribuição de outras áreas de conhecimento numa perspectiva interdisciplinar, quando for necessário, com o propósito de evidenciar e refletir sobre as condições de acesso e democratização da informação em contexto social e grupos específicos (negros/as), na realidade nordestina e brasileira.

Com isso, entendemos que os interesses da CI estão ligados, para além do estudo das propriedades da informação, dos processos de sua construção, da comunicação e do uso dessa informação, aos mecanismos sociais da produção e uso - determinados pelas demandas sociais da informação. Assim sendo, a competência dos profissionais da informação não se prende, exclusivamente, ao uso das tecnologias da informação e comunicação e os conteúdos digitais, mas se alonga numa concepção de mundo e sociedade multicultural, intercultural e transcultural, onde transita o diverso e a diferença.

Portanto, investigar temas de interesse da Ciência da Informação significa enxergar as inúmeras possibilidades de se trabalhar questões relacionadas à informação, às políticas de informação e suas relações com as temáticas étnico-raciais e cibercultura, articulando ao que têm a oferecer aos estudos e pesquisas na área da Ciência da Informação e esta àquelas. Em geral, como diz Rüdiger (2003), significa contribuir para ajudar a “transcender o pensamento” exclusivamente tecnológico e sua realidade excludente.

THE CONSTRUCTION OF AFRO DESCENDANT IDENTITY IN THE CYBER CULTURE: the vision of the Information Science

ABSTRACT

This article builds up some arguments concerning the importance of some studies in the field of the Information Science directed to the cultural affairs, mainly proposing researches about the formation of the afro descendant identity in the cyber culture, considering the access to and the democratization of the information in the Brazilian reality. The article also justifies the agreement of the processes and social and cultural relations, on which the construction of the identities of authors and users of information are based; moreover it helps the dialogue between social transformations and cultural path; and supports the legitimating of the researchers in Information Science when it deals with the answering of questions related to the access to and democratization of the information as the social and racial segregations.

Keywords:

Identity of the Afro descendants. Access to and democratization of the information. Cyber Culture, Information Science.

Artigo recebido em 14/08/2008 e aceito para publicação em 27/12/2008

REFERÊNCIAS

AQUINO, Mirian de A et al. **Informação e diversidade**: a imagem do afrodescendente no discurso da inclusão social/racial. 2006. 120 f. Relatório (Pesquisa) – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.

_____. A problemática do indivíduo, suas lutas e conflitos no turbilhão da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p 202-221, maio/ago, 2007.

CANCLÍNI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

_____. O crescimento mundial da rede digital leva a uma ética global da informação? **Concilium**, v. 1, n. 308, p. 38-49, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Afroetnoma, Afromatemática, África e afrodescendência**. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org/afroetnoma.html>>. Acesso: 23 jan. 2008

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006.

FROHAMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2006, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: ANCIB, 2006.

FROHAMANN, Bernd. *Taking information policy beyond information science applying the actor network theory*. Paper apresentado no 23rd Annual Conference of Canadian Association for Information Science. Edmonton, Alberta, jun. 1995.

FROW, J.; MORRIS, M. Estudos Culturais. In: Denzin, N.; Lincoln, Y. (Org). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GILROY, Paul. **Entre Campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**, João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTELETO, Regina. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação e sociedade**, João Pessoa, v.11, n.1, 2001.
- UNGER Roberto J. G.; FREIRE, Isa Maria. **Sistemas de informação e linguagens documentárias no contexto dos regimes de informação: um exercício conceitual**. Disponível em: <<http://server01.bc.unicamp.br/seer.php?id=82>> . Acesso em: 08 dez. 2006.
- SORJ, Bernardo. **Brasil@povo com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Brasília: Jorge Zahar, 2003.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa das desigualdades sociais**. Brasília: RITLA; Instituto Sangari; MEC, 2007. Disponível em: <http://www.ritla.net/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=117>. Acesso em: 27 nov. 2007.

